

## Sylvia Plath: quatro “poemas-porrada”

*Marina Della Valle*

“Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca.”

Apocalipse, cap. 3, vers. 15/16

Seria cansativo dedicar muito desta introdução especulando os motivos do contínuo interesse pela obra da poeta americana Sylvia Plath (1932-1963). Sabemos tudo: de sua história de amor e de abandono com o poeta inglês Ted Hughes (1930-1998) e seu subsequente suicídio, tema do filme “Sylvia: Paixão Além das Palavras” (“Sylvia”, dir. de Christine Jeffs, 2003); que grupos feministas tomaram sua imagem como o símbolo de uma mulher oprimida pelo tempo em que viveu, corajosa ao expor o inconfessável. A revelação gradual de documentos como cartas, trechos de diários e anotações sobre poemas e a publicação de diversas biografias se encarregaram de manter o fluxo de artigos e ensaios sobre sua obra e alimentaram uma curiosidade por demais aguçada sobre detalhes e segredos de sua vida ao longo dos anos. Seu fantasma continua onipresente, nos visitando “com amorosa regularidade”, assim como as insatisfações em seu poema “The Rival”.

Esse interesse teve e tem seu reflexo em uma variedade de traduções. O Brasil produziu um bom número delas – o romance “The Bell Jar” (1963), por exemplo, teve três: de Maria Luíza Nogueira (“A Redoma de Cristal”, ed. Artenova, 1971), de Lya Luft (“A Redoma de Vidro”, ed. Globo, 1992) e de Beatriz Horta (“A Redoma de Vidro”, ed. Record, 1999). Novas traduções de seus poemas continuam aparecendo, fazendo conjunto com trabalhos já bem conhecidos – cito aqui, em nome da brevidade, apenas as traduções com que tive mais contato: as de Ana Cristina Cesar e Ana Cândida Perez (“Escritos da Inglaterra”, ed. Brasiliense, 1988), as de Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça (“Sylvia Plath – Poemas”, Iluminuras, 1991) e as de Ronald Polito e Deisa Chamahum Chaves (“XXI Poemas”, ed. Livre, 1994).

A complexidade e a força ambígua de seus poemas e sua história trágica de perdas e internações psiquiátricas fazem brotar páginas sobre Sylvia Plath na internet. Nesse meio tão ágil aparecem quase que semanalmente novas traduções, como as de Ivan Justen Santana para “Pursuit”, “Daddy”, “Lady Lazarus”, “Snakecharmer”, “Mad Girl’s Love Song”, “Medusa” “Black Rook on Rainy Weather”, “On Looking Into The Eyes Of A Demon-Lover”, “Perseus”, “Lorelei” e “Stillborn”. Este trabalho foi diretamente influenciado por essas traduções e deve muito à ajuda de Ivan, com quem divido o gosto e a sedução pelo trabalho de tentar traduzir os poemas mais emblemáticos de Sylvia Plath – e, portanto, os mais agressivos, sombrios, desprovidos de qualquer conforto.

Os quatro poemas aqui traduzidos (“Daddy”, “Elm”, “Lady Lazarus” e “Lesbos”) estão entre os mais notórios dentro da obra de Sylvia Plath por sua violência verbal e sua representação certa da dor e da depressão, da angústia. Eles fazem parte de um grupo que apelidei de “poemas-porrada” devido à reação que costumam engendrar em seus leitores: a estupefação de um nocaute diante da visceralidade com que assuntos como abandono, suicídio, morte e depressão são esquartejados em versos precisos, estranhos.

Nestes poemas, Sylvia Plath foi peso-pesado no conteúdo, mas sutil na forma, criando ritmos secos com rimas espaçadas entremeadas de aliterações, equilíbrios sonoros suaves com a alternância de linhas curtas e mais longas, de sons finais. Seu vocabulário por vezes parece deslocado. De acordo com artigos e textos biográficos, Sylvia Plath tinha o hábito de caçar palavras no dicionário, marcando o livro quando encontrava uma que a agradasse: ela explorava a própria língua como uma estrangeira, contribuindo assim para a formação de um sentimento de deslocamento que tantas vezes enuncia com maestria.

Nestes quatro poemas, sua voz parece ter atingido um grau de maturidade maior, parece estar menos presa a modelos preexistentes. Elementos mais e menos formais são agrupados de maneira cuidadosa, criando estranhezas necessárias aos poemas. Minha leitura foi feita com atenção nessas características, que procurei manter nas traduções, embora nem sempre isso seja possível. Em "Daddy", a cascata de rimas em som de "u" é praticamente intransponível para o português: a sucessão de sons fechados cria um ritmo infantil, já anunciado pelo nome do poema e reforçado pelo uso de palavras infantis, como *goobledygoo* (*goobledygook*) e *achoo*. A solução que encontrei para tentar traduzir essa fala infantil foi o uso indiscriminado do "você" em detrimento do uso de pronomes oblíquos, como fazem as crianças pequenas. Embora tenha usado rimas, não consegui criar um ritmo baseado em variações de sons fechados. "Daddy" continua a ser um desafio, o trabalho apresentado aqui pretende ser uma contribuição, mas está longe de ser uma solução.

Assim como "Daddy", "Lesbos" e "Lady Lazarus" exalam uma agressividade difícil de verter para o português. A tensão entre linguagem e conteúdo é constante e cria hiatos tão sombrios quanto os versos declarados. Em "Lady Lazarus", como em "Daddy", há o uso de imagens como "nazista/perseguidor" e "judeu/perseguido" dentro do âmbito das relações emocionais, o que sempre

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

gerou e ainda agrega polêmica ao mito. No poema, tanto judeus como nazistas aparecem ligados ao ambiente caseiro, comum de todo dia, de abajures e guardanapos.

"A sort of walking miracle, my skin  
Bright as a Nazi lampshade,  
My right foot

A paperweight,  
My face a featureless, fine  
Jew linen."

Mantive a expressão "nazi", embora pouco comum em português, mas verti "Jew linen" para "linho judaico", em referência ao costume de cobrir a cabeça (e o resto do corpo) antes do sepultamento na tradição judaica. O prosaico é utilizado no sentido de algo sem adornos, sem características distintivas, reforçando a idéia de pano que suprime as feições.

Na tradução de Ivan Justen Santana, a face é de inexpressivo linho judeu, uma conexão preciosa que traduz a duplicidade dos versos.

"Um tipo de milagre ambulante,  
Minha pele brilhante: um abajur Nazista,  
Meu pé direito

Um pesa-papéis,  
Meu rosto um inexpressivo e fino  
Linho judeu."

A tensão de uma leitura que represente a força da ironia ácida atinge seu ápice em “Lesbos”. Minha intenção foi preservar essa característica na tradução apresentada aqui, tentando recriar a mescla de termos chulos, belas seqüências de aliteraões e palavras deslocadas. Mantive o adjetivo “bastard” como bastarda, em vez de traduzi-lo como um xingamento mais comum, por entender que o poema trata de laços familiares desfeitos ou à beira de um colapso, o que pede essa dubiedade. A tradução de “Lesbos”, assim como as outras três, é dependente de hiatos sombrios, da recriação de uma forma seca de deboche. A dificuldade de traduzir Sylvia Plath centra-se no fato de que sua obra nunca é morna. Essas traduções foram feitas (e refeitas à exaustão) na busca do verso rápido e certo, como um nocaute. No entanto, são apenas tentativas.

Este trabalho não seria possível sem John Milton e suas muitas “ências”: pronta assistência, excelência e, mais que tudo, paciência.

#### DADDY

You do not do, you do not do  
Any more, black shoe  
In which I have lived like a foot  
For thirty years, poor and white,  
Barely daring to breathe or Achoo.

Daddy, I have had to kill you.  
You died before I had time –  
Marble-heavy, a bag full of God,

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

Ghastly statue with one gray toe  
Big as a Frisco\* seal

And a head in the freakish Atlantic  
Where it pours bean green over blue  
In the waters off the beautiful Nauset.  
I used to pray to recover you.  
Ach, du.

In the German tongue, in the Polish town  
Scraped flat by the roller  
Of wars, wars, wars.  
But the name of the town is common.  
My Polack friend

Says there are a dozen or two.  
So I never could tell where you  
put your foot, your root,  
I never could talk to you.  
The tongue stuck in my jaw.

It stuck in a barb wire snare.  
Ich, ich, ich, ich,  
I could hardly speak.  
I thought every German was you.  
And the language obscene

An engine, an engine,  
Chuffing me off like a Jew.

A Jew to Dachau, Auschwitz, Belsen.  
I began to talk like a Jew.  
I think I may well be a Jew.

The snows of the Tyrol, the clear beer of Vienna  
Are not very pure or true.  
With my gypsy ancestress and my weird luck  
And my Taroc pack and my Taroc pack  
I may be a bit of a Jew.

I have always been scared of you,  
With your Luftwaffe, your gobbledygoo.  
And your neat mustache  
And your Aryan eye, bright blue.  
Panzer-man, panzer-man, O You –

Not God but a swastika  
So black no sky could squeak through.  
Every woman adores a Fascist,  
The boot in the face, the brute  
Brute heart of a brute like you.

You stand at the blackboard, daddy,  
In the picture I have of you,  
A cleft in your chin instead of your foot  
But no less a devil for that, no not  
Any less the black man who

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

Bit my pretty red heart in two.  
I was ten when they buried you.  
At twenty I tried to die  
And get back, back, back to you.  
I thought even the bones would do.

But they pulled me out of the sack,  
And they stuck me together with glue.  
And then I knew what to do.  
I made a model of you,  
A man in black with a Meinkampf look

And a love of the rack and the screw.  
And I said I do, I do.  
So daddy, I'm finally through.  
The black telephone's off at the root,  
The voices just can't worm through.

If I've killed one man, I've killed two –  
The vampire who said he was you  
And drank my blood for a year,  
Seven years, if you want to know.  
Daddy, you can lie back now.

There's a stake in your fat black heart  
And the villagers never liked you.  
They are dancing and stamping on you.  
They always *knew* it was you.  
Daddy, daddy, you bastard, I'm through.



PAPAI

Você não serve, você não serve,  
Não serve mais, sapato negro  
Em que eu vivi como um pé  
Por trinta anos, branca e pobre,  
Mal me atrevendo a um espirro sequer.

Eu tive de matar você, papai.  
Você morreu antes que eu pudesse –  
Peso de mármore, saco repleto de Deus,  
Estátua medonha com um dedão gris  
Do tamanho de uma foca de Frisco\*

E uma cabeça onde o estranho Atlântico  
Derrama o verde-vagem sobre o azul  
Nas águas da magnífica Nauset.  
Eu rezava para recuperá-lo  
Ach, du.

Na língua alemã, na vila polonesa  
Aterradas pelo rolo-compressor  
Das guerras, guerras, guerras.  
Mas o nome do lugar é comum.  
Diz meu amigo polaco

Que há uma ou duas dúzias.  
Assim nunca soube onde você

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

Fincou seus pés, suas raízes,  
Com você nunca pude falar.  
A língua presa no maxilar.

Arapuca de arame farpado.  
Ich, ich, ich, ich,  
Mal conseguia dizer.  
Em todo alemão vi você.  
É a linguagem obscena

Uma locomotiva, uma locomotiva  
Em vapores me leva como Judia.  
Uma Judia para Dachau, Auschwitz, Belsen.  
Passei a falar como uma Judia.  
Acho que bem posso ser Judia.

A neve do Tirol, a cerveja clara de Viena  
Não são lá muito puras ou genuínas  
Com minha ancestral cigana, minha estranha sina  
É meu baralho de tarô, meu baralho de tarô  
Eu devo ser um pouco Judia.

Você sempre me meteu medo,  
Com sua Luftwaffe, seu papo furado.  
É o seu bigode asseado  
O olho ariano, bem azulado.  
Homem-panzer, homem-panzer, oh Você –

Não Deus, mas uma suástica.  
Tão negra que nem céu vara.  
Toda mulher adora um Fascista,  
A bota na cara, o bruto  
Coração de um bruto da sua laia.

Você está de pé na lousa, papai,  
Na imagem que levo comigo,  
Em vez do pé, o queixo fendido,  
Mas não menos diabo por isso, oh não  
Não menos que o homem que em dois

Partiu meu belo e rubro coração.  
Eu tinha dez anos quando o enterraram.  
Aos vinte, eu tentei morrer  
E voltar, voltar pra você.  
Achei que mesmo os ossos serviram.

Mas me puxaram saco afora,  
Juntaram meus pedaços com cola.  
E aí eu soube o que fazer.  
Eu fiz um modelo de você,  
Homem de negro, Meinkampf no jeito

À tortura e ao torniquete afeito.  
E eu disse aceito, aceito  
Então, papai, finalmente acabei.  
Arranquei o telefone negro da raiz,  
As vozes já não rastejam até aqui.

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro “poemas-porrada”

Se matei um homem, matei dois –  
O vampiro que me disse ser você  
E sugou meu sangue por um ano afora,  
Sete anos, se quiser saber  
Papai pode voltar a se deitar agora.

Há uma estaca em seu coração negro  
E os homens da vila jamais gostaram de você.  
Estão espezinhandando, dançando sobre você.  
Eles sempre *souberam* que era você.  
Papai, papai, seu canalha, acabei.

\* Frisco: a cidade de São Francisco, EUA.

ELM

*To Ruth Fainlight*

I know the bottom, she says. I know it with my great tap root:  
It is what you fear.  
I do not fear it: I have been there.

Is it the sea you hear in me,  
Its dissatisfactions?  
Or the voice of nothing, that was your madness?

Love is a shadow.  
How you lie and cry after it.  
Listen: these are its hooves: it has gone off, like a horse.

All night I shall gallop thus, impetuously,  
Till your head is a stone, your pillow a little turf,  
Echoing, echoing.

Or shall I bring you the sound of poisons?  
This is rain now, the big hush.  
And this is the fruit of it: tin-white, like arsenic.

I have suffered the atrocity of sunsets.  
Scorched to the root  
My red filaments burn and stand, a hand of wires.

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

Now I break up in pieces that fly about like clubs.  
A wind of such violence  
Will tolerate no bystanding: I must shriek.

The moon, also, is merciless: she would drag me  
Cruelly, being barren.  
Her radiance scathes me. Or perhaps I have caught her.

I let her go. I let her go  
Diminished and flat, as after radical surgery.  
How your bad dreams possess and endow me.

I am inhabited by a cry.  
Nightly it flaps out  
Looking, with its hooks, for something to love.

I am terrified by this dark thing  
That sleeps in me;  
All day I feel its soft, feathery turnings, its malignity.

Clouds pass and disperse.  
Are those the faces of love, those pale irretrievables?  
Is it for such I agitate my heart?

I am incapable of more knowledge.  
What is this, this face  
So murderous in its strangle of branches? –

Its snaky acids hiss.  
It petrifies the will. These are the isolate, slow faults  
That kill, that kill, that kill.

OLMO  
*Para Ruth Fainlight*

Conheço o fundo, diz ela. Conheço-o com minha raiz mestra:  
É o que temes.  
Não o temo: eu estive lá.

É o mar que ouves em mim,  
Suas insatisfações?  
Ou a voz do nada, era essa tua loucura?

O amor é uma sombra.  
Como mentes e choras em seu encaicho  
Escuta: são seus cascos: disparou, como cavalo.

Toda a noite devo assim galopar  
Até fazer de tua cabeça rocha, de teu travesseiro gramado,  
Ecoando, ecoando.

Ou devo te trazer o som dos venenos?  
Agora é chuva, este grande silêncio  
E seu fruto: branco-metálico, como arsênico.

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

Sofri a atrocidade dos poentes.  
Escorchada até a raiz.  
Meus fios rubros queimam e eriçam, mão de arame.

Agora me desfaço em pedaços que voam como tacos.  
Vento assim violento  
Não tolerará nada ao redor: preciso gritar.

A lua, também, é impiedosa: ela me arrastaria  
Cruelmente, já que é estéril.  
Sua radiância me corrói. Ou quem sabe a peguei.

Deixo que se vá. Deixo que se vá.  
Diminuída e chata, como após cirurgia radical.  
Como seus pesadelos me possuem e me dotam.

Sou habitada por um grito.  
Quando é noite ele se agita  
Procurando, com suas garras, por algo para amar.

Tenho pavor dessa coisa escura  
Que dorme em mim;  
Todo o dia sinto seu retorcer emplumado, sua índole ruim.

Nuvens passam e se dispersam.  
São essas as faces do amor, pálidas irremediáveis?  
É por tanto que agito meu coração?



Sou incapaz de saber mais.  
O que é isto, esta face  
Tão criminosa em seu sufocar de galhos? –

Teus ácidos ofídicos silvam.  
Petrificam a vontade. São essas falhas lentas, isoladas  
Que matam, matam, matam.

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

LADY LAZARUS

I have done it again.  
One year in every ten  
I manage it –

A sort of walking miracle, my skin  
Bright as a Nazi lampshade,  
My right foot

A paperweight,  
My face a featureless, fine  
Jew linen.

Peel off the napkin  
O my enemy.  
Do I terrify? –

The nose, the eye pits, the full set of teeth?  
The sour breath  
Will vanish in a day.

Soon, soon the flesh  
The grave cave ate will be  
At home on me

And I a smiling woman.  
I am only thirty.  
And like the cat I have nine times to die.

This is Number Three.  
What a trash  
To annihilate each decade.

What a million filaments.  
The peanut-crunching crowd  
Shoves in to see

Them unwrap me hand and foot –  
The big strip tease.  
Gentlemen, ladies

These are my hands  
My knees.  
I may be skin and bone,

Nevertheless, I am the same, identical woman.  
The first time it happened I was ten.  
It was an accident.

The second time I meant  
To last it out and not come back at all.  
I rocked shut

As a seashell.  
They had to call and call  
And pick the worms off me like sticky pearls.

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

Dying

Is an art, like everything else.

I do it exceptionally well.

I do it so it feels like hell.

I do it so it feels real.

I guess you could say I've a call.

It's easy enough to do it in a cell.

It's easy enough to do it and stay put.

It's the theatrical

Comeback in broad day

To the same place, the same face, the same brute

Amused shout:

"A miracle!"

That knocks me out.

There is a charge

For the eyeing of my scars, there is a charge

For the hearing of my heart –

It really goes.

And there is a charge, a very large charge

For a word or a touch

Or a bit of blood

Or a piece of my hair or my clothes.  
So, so, Herr Doktor.  
So, Herr Enemy.

I am your opus,  
I am your valuable,  
The pure gold baby

That melts to a shriek.  
I turn and burn.  
Do not think I underestimate your great concern.

Ash, ash –  
You poke and stir.  
Flesh, bone, there is nothing there –

A cake of soap,  
A wedding ring,  
A gold filling.

Herr God, Herr Lucifer  
Beware  
Beware.

Out of the ash  
I rise with my red hair  
And I eat men like air.

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

### LADY LÁZARO

Eu fiz outra vez.  
Um ano em cada dez  
Eu dou um jeito –

Como milagre ambulante, minha pele  
Brilhante como um abajur nazi,  
Meu pé direito

Um peso de papel,  
Meu rosto um fino, prosaico  
Linho judaico.

Retire o pano  
Oh meu inimigo.  
Eu aterrorizo? –

As órbitas, o nariz, a dentadura completa?  
O hálito azedo  
Sumirá em um dia.

Logo, logo a carne  
Que a cova comeu vai voltar  
Em mim para o lar.

E eu, mulher sorridente.  
Tenho só trinta anos.  
E como o gato tenho nove mortes.

Esta é Número Três  
Que lixo  
Para aniquilar a cada década.

Que milhão de filamentos.  
A multidão mascando amendoim  
Se junta pra assistir

Desembrulham minhas mãos, pés –  
O grande strip tease.  
Cavalheiros, damas

Eis minhas mãos  
Meus joelhos.  
Posso ser pele e osso,

Ainda assim sou a mesma mulher, idêntica.  
Na primeira vez eu tinha dez anos.  
Foi um acidente.

Na segunda vez eu quis  
Acabar com tudo e nunca mais voltar.  
Rolei fechada

Como concha do mar.  
Tiveram de chamar e chamar.  
E tirar os vermes de mim como pérolas pegajosas.

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

Morrer  
É uma arte, como tudo mais.  
Nisso sou excepcional.

Faço parecer infernal.  
Faço parecer real. Eu  
Acho que pra mim é natural.

Fazer isso numa cela é muito fácil.  
Fazer isso escondida é muito fácil.  
É a volta teatral

Já em pleno dia  
Ao mesmo posto, mesmo rosto, mesmo grito  
Entretido, brutal:

"Um milagre!"  
Que me põe a nocaute.  
Há um preço

Pra ver minhas cicatrizes, há um preço  
Pra ouvir meu coração –  
Ele bate mesmo.

E há um preço alto, um alto preço  
Por palavra ou apalpada  
Ou gota de sangue



Fio de cabelo, trapo de roupa.  
Então, então, Herr Doktor.  
Então, Herr Inimigo.

Sou tua obra,  
Sou teu tesouro,  
Bebê de puro ouro

Que se derrete num berro.  
Reviro em combustão.  
Não pense que subestimo sua preocupação.

Cinza, cinza –  
Você cutuca e atíça.  
Carne, osso, não há nada lá –

Uma aliança,  
Barra de sabão,  
Ouro de obturação.

Herr Deus, Herr Lúcifer  
Cuidado  
Cuidado.

Das cinzas revivo  
Com meus cabelos ruivos  
E devoro homens como ar.

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

## LESBOS

Viciousness in the kitchen!  
The potatoes hiss.  
It is all Hollywood, windowless,  
The fluorescent light wincing on and off like a terrible migraine,  
Coy paper strips for doors –  
Stage curtains, a widow's frizz.  
And I, love, am a pathological liar,  
And my child – look at her, face down on the floor,  
Little unstrung puppet, kicking to disappear –  
Why she is schizophrenic,  
Her face is red and white, a panic,  
You have stuck her kittens outside your window  
In a sort of cement well  
Where they crap and puke and cry and she can't hear.  
You say you can't stand her,  
The bastard's a girl.  
You who have blown your tubes like a bad radio  
Clear of voices and history, the staticky  
Noise of the new.  
You say I should drown the kittens. Their smell!  
You say I should drown my girl.  
She'll cut her throat at ten if she's mad at two.  
The baby smiles, fat snail,  
From the polished lozenges of orange linoleum.  
You could eat him. He's a boy.  
You say your husband is just no good to you.

His Jew-Mama guards his sweet sex like a pearl.  
You have one baby, I have two.  
I should sit on a rock off Cornwall and comb my hair.  
I should wear tiger pants, I should have an affair.  
We should meet in another life, we should meet in air,  
Me and you.

Meanwhile there's a stink of fat and baby crap.  
I'm doped and thick from my last sleeping pill.  
The smog of cooking, the smog of hell  
Floats our heads, two venemous opposites,  
Our bones, our hair.  
I call you Orphan, orphan. You are ill.  
The sun gives you ulcers, the wind gives you T.B.  
Once you were beautiful.  
In New York, in Hollywood, the men said: "Through?  
Gee baby, you are rare."  
You acted, acted for the thrill.  
The impotent husband slumps out for a coffee.  
I try to keep him in,  
An old pole for the lightning,  
The acid baths, the skyfuls off of you.  
He lumps it down the plastic cobbled hill,  
Flogged trolley. The sparks are blue.  
The blue sparks spill,  
Splitting like quartz into a million bits.

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

O jewel! O valuable!  
That night the moon  
Dragged its blood bag, sick  
Animal  
Up over the harbor lights.  
And then grew normal,  
Hard and apart and white.  
The scale-sheen on the sand scared me to death.  
We kept picking up handfuls, loving it,  
Working it like dough, a mulatto body,  
The silk grits.  
A dog picked up your doggy husband. He went on.

Now I am silent, hate  
Up to my neck,  
Thick, thick.  
I do not speak.  
I am packing the hard potatoes like good clothes,  
I am packing the babies,  
I am packing the sick cats.  
O vase of acid,  
It is love you are full of. You know who you hate.  
He is hugging his ball and chain down by the gate  
That opens to the sea  
Where it drives in, white and black,  
Then spews it back.  
Every day you fill him with soul-stuff, like a pitcher.  
You are so exhausted.

Your voice my ear-ring,  
Flapping and sucking, blood-loving bat.  
That is that. That is that.  
You peer from the door,  
Sad hag. "Every woman's a whore.  
I can't communicate."

I see your cute décor  
Close on you like the fist of a baby  
Or an anemone, that sea  
Sweetheart, that kleptomaniac.  
I am still raw.  
I say I may be back.  
You know what lies are for.

Even in your Zen heaven we shan't meet.

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

## LESBOS

Crueldade na cozinha!  
As batatas sibilam.  
É tudo Hollywood, sem janelas,  
A luz fluorescente oscila como terrível enxaqueca,  
Nas portas, tiras de papel furtivas –  
Cortinas de palco, permanente de viúva.  
E eu, amor, sou uma mentirosa patológica,  
E minha filha – olha só pra ela, de cara no chão,  
Títere sem fios, louca pra sumir –  
Como ela é esquizofrênica,  
Seu rosto rubro e pálido, um pânico,  
Você botou os gatinhos dela pra fora de sua janela  
Num tipo de cisterna  
Onde eles vomitam e cagam e gritam e ela não pode ouvir.  
Você diz que não a suporta,  
A bastarda é uma menina.  
Você, que queimou suas válvulas como rádio ruim  
Limpa de vozes e histórias, do estático  
Barulho do novo.  
Você diz que eu devia afogar os gatinhos. O fedor!  
Você diz que eu devia afogar minha filha.  
Ela vai se degolar aos dez se é doida aos dois.  
Lesma gorda, o bebê sorri  
Dos polidos losangos de linóleo laranja.  
Você poderia comê-lo. É um menino.  
Você diz que seu marido não lhe satisfaz.

A mamãe judia guarda o sexo dele como pérola  
Você tem um bebê, eu tenho dois.  
Eu devia me sentar na Cornuália e me pentear.  
Eu devia usar calças tigradas, ter affair.  
Devíamos nos encontrar em outra vida, no ar,  
Eu e você.

Enquanto isso há um fedor de gordura e merda de bebê.  
Meu último calmante me deixou grogue e lerda.  
A fumaça da cozinha, a fumaça do inferno  
Nossas cabeças flutuam, opostos venenosos,  
Nossos ossos, nossos cabelos.  
Eu a chamo de Órfã, órfã. Você está doente.  
O sol lhe dá úlceras, o vento, tuberculose.  
Um dia você foi bonita.  
Em Nova York, em Hollywood, os homens diziam: "Acabou?  
Garota, você é brilhante".  
Você atuava, atuava pelo agito  
O marido impotente se arrasta para um café.  
Tento mantê-lo em casa,  
Velho pára-raios para o relâmpago,  
Banhos de ácido, céus cheios vindos de você.  
Ele despenca do morro de pedra calçada,  
Carrinho castigado. As faíscas são azuis.  
As faíscas azuis são lançadas,  
E se refratam como quartzo num milhão de pedaços.  
Oh jóia! Oh valorosa!  
Naquela noite a lua

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

Arrastou sua bolsa de sangue, animal  
Doente  
Sobre as luzes do porto.  
E então voltou ao normal,  
Dura e branca e distante.  
O brilho escamado na areia me matou de medo.  
Continuamos pegando punhados, adorando,  
Moldando como massa, corpo mulato,  
Os grânulos sedosos.  
Um cão veio buscar seu marido cachorrinho. Ele foi atrás.

Agora silenciosa, ódio  
Até o pescoço,  
Grosso, grosso.  
Não falo.  
Empacoto as batatas duras como roupas boas,  
Empacoto os bebês,  
Empacoto os gatos doentes.  
Oh pote de ácido,  
É amor que o preenche. Você sabe quem odeia.  
Ele está abraçado ao seu grilhão perto da porteira  
Que se abre para o mar  
Que invade, preto e branco,  
E então é vomitado novamente.  
Todo dia você o enche de alma, como um jarro.  
Você está tão exausta.  
Sua voz, meu pingente,  
Morcego doido por sangue que suga e esvoaça



É isso. É isso.  
Você me espia da porta,  
Bruxa triste. "Toda mulher é uma puta.  
Não consigo me comunicar."

Vejo sua décor engraçadinha  
Cercando-a como um punho de bebê  
Ou uma anêmona, aquele mar,  
Aquele cleptomaníaco, doçura.  
Ainda estou crua.  
Digo que posso voltar.  
Você sabe para que servem as mentiras.

Mesmo em seu céu Zen não devemos nos encontrar.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

##### Livros editados no Brasil

"SYLVIA PLATH – POEMAS", antologia e tradução de Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça, Ed. Iluminuras, Brasil, 1991 (2ª edição: 1994).

"O TERNO TANTO FAZ COMO TANTO FEZ" (It Doesn't Matter Suit), tradução de Lia Wyler, Ed. Rocco, Brasil, 1997.

"A REDOMA DE CRISTAL" (The Bell Jar, with a biographic note by Lois Ames), tradução de Maria Luíza Nogueira, Ed. Artenova, Brasil, 1971.

"A REDOMA DE VIDRO" (The Bell Jar), tradução de Lya Luft, Editora Globo, Brasil, 1992.

VALLE, Marina Della. Sylvia Plath: quatro "poemas-porrada"

"XXI POEMAS", tradução de Ronald Polito e Deisa Chamahum Chaves, Ed. Livre, Mariana/MG, Brasil, 1994.

"A REDOMA DE VIDRO" (The Bell Jar), tradução de Beatriz Horta, Editora Record, Brasil, 1999.

"OS DIÁRIOS DE SYLVIA PLATH" 1950-1962 (The Unabridged Journals of Sylvia Plath ), tradução de Celso Nogueira, Editora Globo, Brasil, 2004.

#### Livros editados em Portugal

"PELA ÁGUA" (Crossing the Water), Ed. Assírio e Alvim, Portugal, 1990.

"ARIEL" (Ariel), tradução de Maria Fernanda Borges, Ed. Relógio D'Água Editores, Portugal, 1997.

"A CAMPANULA DE VIDRO" (The Bell Jar), tradução de Mario Avelar, Ed. Assírio e Alvim, Portugal, 1988.

"ZÉ SUSTO E A BÍBLIA DOS SONHOS" (Johnny Panic and the Bible of Dreams), tradução de Ana Luísa Faria, Ed. Relógio d'Água Editores, Portugal, 1995.

#### Poemas em antologias e outros livros

"QUINGUMBO – NOVA POESIA NORTE-AMERICANA" (new North American poetry), organizado por Kerry Shawn Keys, Ed. Escrita, Brasil, 1980, p. 199 a 213.

"ANTOLOGIA DA NOVA POESIA NORTE-AMERICANA", seleção e tradução de Jorge Wanderley, Ed. Civilização Brasileira, Brasil, 1992, p. 275 a 281.

"REVISTA NOVOS ESTUDOS CEBRAP", 15 poemas traduzidos por Vinicius Dantas. nº 28, Ed. Cebrap, Brasil, outubro, 1990, p. 179 a 198.

"LETRAS EM TRADUÇÃO" (antologia de poemas traduzidos), brochura do curso de tradução de poesia, Depto. de Letras da Pontifícia Universi-

dade Católica do Rio de Janeiro, Ed. Gráfica da PUC-Rio, Brasil, 1994, p. 16 a 31.

“XXI POEMAS”, tradução de Ronald Polito e Deisa Chamahum Chaves, Ed. Livre, Mariana/MG, Brasil, 1994.

Tradução de poemas por Ana Cristina César e Ana Cândida Perez em “ESCRITOS DA INGLATERRA”, ed. Brasiliense, 1988.

Na internet:

Traduções publicadas por Ivan Justen Santana nos blogs <http://palavradepantera.blogspot.com>, <http://ossurtado.blogspot.com>, <http://intimaloucura.blogspot.com> e no website <http://paginas.terra.com.br/arte/PopBox/splath.htm>

#### SOBRE A TRADUTORA

**Marina Della Valle**, 29 anos, é jornalista. Atualmente trabalha como editora-assistente do primeiro caderno do jornal “Diário de São Paulo”. Já publicou artigos, contos e traduções em sites dedicados à literatura, como Portal Literal, Cronópios, Patife e Bestiário.